

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE ARTES/CEART – DEPARTAMENTO DE ARTES PLÁSTICAS/DAP
Artigo: A influência das artes e da música africana no mundo contemporâneo
Orientador: Professora Dr. ^a Célia Maria Antonacci Ramos
Bolsista: Maximilian Tommasi

A arte africana vem sendo objeto de estudo desde os tempos da colonização. Especialmente os antropólogos, historiadores e filósofos partiram em missão exploratória com o intuito de conhecer as expressões artísticas e, através dessas, o imaginário da cultura africana. Assim, como instrumento de dominação, esse estudo servia ao ocidente como justificativa para obter conhecimento a fim de colonizar as pessoas que viviam na África. Essa tática usada pelos colonizadores foi uma maneira eficaz de controle, pois considerava as expressões artísticas produzidas pelos africanos como meros objetos mágicos, ritualísticos ou utilitários. Visando modificar o imaginário tradicional ancestral compartilhado, implantaram uma nova visão de mundo: a eurocêntrica ocidental. Com isso, os africanos foram pouco a pouco perdendo seus referenciais culturais. Como já disse Bob Marley: “Um povo que não conhece sua história é como uma árvore sem raiz”, ou seja, não tendo força suficiente para se sustentar, cai e morre.

Porém, ao contrário do que se espera de um povo que por vários séculos foi subjugado, explorado, espoliado, escravizado e esquecido, o povo africano demonstrou que apesar de toda essa investida ocidental para destruir sua cultura e mantê-la à margem, ela continua viva e, mais do que isso, vem se aprimorando e se transformando com a rapidez do mundo contemporâneo. Ela sempre é influenciada e influencia os rumos da arte, não só dentro do continente africano, mas também na diáspora. Na verdade, a questão da diáspora é fator fundamental para a compreensão do atual panorama artístico em que vivemos, já que diferentemente do que se imaginava com a colonização, os povos africanos também impõem uma estética e um modo de vida aos europeus ou ocidentais.

Meu foco de atenção neste trabalho é como as artes, e aqui, especialmente a música africana exerceu e vem exercendo um papel fundamental na construção de uma nova visão de mundo, não só da musicalidade, de novos ritmos, novos posicionamentos, mas também nas conquistas sociais e nos reconhecimentos mútuos. A música africana

foi levada com os escravos a outros continentes e se espalhou pelo mundo definitivamente após o período de escravidão e extrapolou fronteiras, criando através da mistura com outros povos e culturas, estilos musicais e artísticos riquíssimos em criatividade, espontaneidade e inovação. Como exemplo posso citar o jazz, o blues, o r&b, o soul, o funk e o hip-hop nos Estados Unidos da América, o samba com suas várias vertentes, o baião, o maracatu, o côco, o maculelê e a infinidade de ritmos que surgiram aqui no Brasil, assim como a rumba, o merengue, o cha cha chá e a salsa, e outros vários ritmos provenientes dos países latino americanos. Isso demonstra como a influência africana após a diáspora foi fundamental, tanto culturalmente como artisticamente em vários âmbitos do cenário mundial contemporâneo, sendo sempre a base sólida para todo tipo de inovação e criação emergente.

Para ilustrar melhor esse diálogo entre artes visuais e música, e no intuito de demonstrar como a arte está sempre trocando e se contaminando com as outras formas de expressão que a envolvem - dança, teatro e performance -, escolhi dois artistas que, no conjunto de suas obras, podemos perceber como a arte pode e deve se expandir e extrapolar seus próprios limites, ampliando assim suas possibilidades e seu campo de ação. A necessidade de romper com as regras que definem e separam as várias expressões artísticas, que acabam ficando fechadas e presas em suas próprias definições e estruturas formais, é o ponto forte do trabalho e da obra dos dois artistas que apresento aqui, Fela Kuti e Sun Ra.

FELA KUTI

Fela Anikulapo Kuti nasceu a 15 de outubro em Abeokuta (Nigéria), no ano de 1938 e faleceu a 2 de agosto de 1997 em Lagos. Foi um incansável ativista social e político e criador do Afrobeat. A música e a mensagem de Fela são um chamado constante aos povos africanos para enfrentarem o desafio de redesenhar o mundo. Porém, esta tarefa só pode ser feita se libertando da alienação racial e das superstições coloniais a respeito da inferioridade negra. Fela rejeitava a categoria herdada eurocolonial de “Estado-nação” e defendia uma ressurreição dos princípios de governo e de nação pré-europeus, pré-cristãos e pré-islâmicos. Ele considerava estas estruturas africanas pré-coloniais como a verdadeira essência da africanidade.

Em termos políticos e sociais, Fela colocou para rediscussão muitas questões fundamentais que não desaparecerão, como a necessidade de renovar o pacto social entre os gêneros, a obsolescência do chamado Estado moderno e a transição das reivindicações pela “igualdade” para a afirmação da equidade por parte dos povos historicamente oprimidos e marginalizados. Essa ideologia não foi sempre claramente formulada. Mas, mesmo na forma às vezes contraditória da sua expressão, sua posição foi suficientemente potente e sincera para elevá-lo à categoria de um importante pensador político. Ele deixou um amplo legado de reivindicações derivadas de um volumoso conjunto de idéias polêmicas, inseridas em formulações caóticas e, às vezes, descontentes e veementes. Certamente, uma pesquisa interdisciplinar seria necessária para desemaranhar os mil e um fios do homem, músico, artista, dissidente político, reformador social e anarquista, que viveu e morreu exclusivamente conforme as suas próprias leis.

Fela Kuti é um líder equivalente a Bob Marley, ambos tinham a música e os instrumentos musicais como armas pacifistas. Gênio da raça, líder pacifista e voz do povo, Fela Kuti é o Papa do *afrobeat* e trouxe os milenares ritmos africanos para a era dos instrumentos elétricos, fundindo-os com a força bruta do jazz, funk e rhythm'n'blues. Com seu *front* musical, ele entrava em transes percussivos acompanhados de cavalgadas de baixos elétricos, guitarras em profusão, um coro feminino em primeiro plano e uma enxurrada de instrumentos de sopro compondo o corpo da música e, evidentemente, o sax de Kuti em primeiríssimo plano. As concepções estéticas de Fela ficam muito evidentes na forma como ele reinventou seu sax-alto, que era coberto de conchas e pintado com várias cores diferentes. A banda-família criada por ele também refletia com muita intensidade suas preocupações estéticas, nela se percebe toda sua postura e sua convicção em torno da africanidade. Suas apresentações ao vivo eram verdadeiras performances artísticas misturando música, poesia, teatro e dança, remetendo o presente a um passado ritualístico, onde os símbolos, mitos e crenças eram parte fundamental do imaginário africano. Com mais de uma centena de discos com sua participação - álbuns costumeiramente divididos em quatro blocos de quinze minutos -, Fela criou uma obra tão vasta quanto densa, de valor inestimável e de fácil aceitação.

Nem sempre compreendido em suas posições políticas inovadoras, a obra do filho mais controverso da nação nigeriana não é apenas de fácil aceitação como se

perfila muito bem ao lado de senhores do ritmo como James Brown, George Clinton, Miles Davis, Afrika Bambaataa e o supracitado Marley - todos conduzindo o público a um êxtase coletivo baseado na fusão de ritmo e eletricidade, sempre num redemoinho de instrumentos tocados de forma radical. Teclados, bateria, percussão, trombones, guitarras, *backing vocals*, bailarinas, trompetistas, baixista, saxofonistas — todos seguindo o fluxo ininterrupto de som, uma avalanche sônica que corre com a força da correnteza de um rio.

Fela Ransome Kuti aprendeu noções de política no berço. Graças à mãe que freqüentava o círculo de amizades da feminista Nnamdi Azikiwe, nos anos 40, o avô, pastor anglicano, que era conhecido como “o padre cantor”, devido à forma que catequizava seus fiéis, e o pai - autoritário e repressor -, se tornou uma metáfora usada por Fela para descrever a situação do seu povo e de seu país. Mas Fela Kuti não se limitava a falar, ele conduzia a revolução em seu país na prática, pegando em armas e desafiando autoridades sempre que preciso. Seu nome estava nas páginas dos jornais tanto na sessão de artes e espetáculos como nas de política — e muitas vezes nas de polícia. Notório usuário de *cannabis*, Fela fazia questão de ostentar baseados gigantescos, que esfumaçavam a cara de suas visitas. Além disso, era conhecido por sua disposição sexual, a ponto de desposar 27 mulheres num mesmo casamento, remetendo às tradições *Iorubás*.

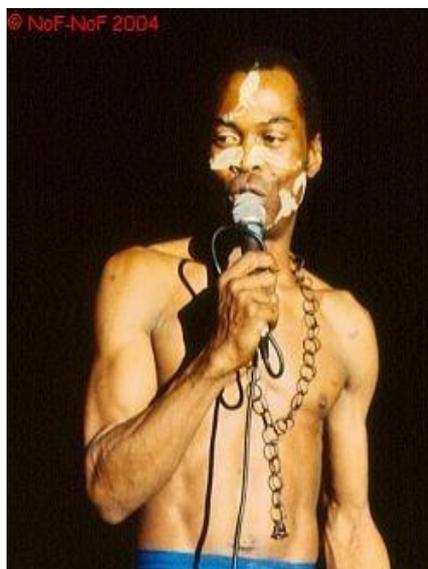
Fela Kuti é desses artistas cuja extensão e importância da obra é compatível a cada um de seus discos. Difícil eleger “o melhor” disco de Fela, pois sua música é sua própria vida, e cada momento específico traz revelações próprias dele mesmo. E se é possível demarcar um período importante em sua carreira, esse acontece de 1968 a 1997, nos seus últimos trinta anos de vida. É neste período que ele cria, amadurece e consagra sua convulsão de ritmos e instrumentos batizada de *afrobeat*.

O conceito de *afrobeat* surgiu quando Kuti fez sua primeira excursão para os EUA. Sua vida se tornou oficialmente dedicada à música quando sua família o mandou estudar medicina em Londres, mas ele se transferiu para o curso de música. Dentro da cena universitária, conheceu o jazz e o *rhythm 'n'blues* norte-americano e, em 1961, fundou seu primeiro grupo, o *Cool Cats*. Pouco depois, o grupo, que era formado apenas por nigerianos que faziam intercâmbio na Inglaterra, se transformava no *Koola Lobitos*. O grupo volta à Nigéria e obtém um pequeno sucesso nacional, passando a se tornar o nome mais popular e jovem do gênero *highlife*, fusão de ritmos africanos e jazz

tradicional. A próxima escala seria nos Estados Unidos, onde Fela tanto sonhara em encontrar seus ídolos musicais.

Mas mais do que música, Fela foi exposto a idéias. Em contato com os movimentos de intelectuais e líderes negros como Eldridge Cleaver, Malcolm X e os Panteras Negras, ele resolve radicalizar suas posições políticas e se engajar na luta pelo seu povo. Ao mesmo tempo, mira-se na evolução da *black music* nos EUA, que deixava aos poucos o lado suave e sentimental do *soul* para abraçar a tensão e força do *funk* e do *jazz rock*. Coletivos elétricos expeliam milhares de decibéis na orelha de seu público e o informava de forma direta e indolor. A adição do baterista Tony Allen na formação do grupo deu ao som a força rítmica e precisa que as bandas de James Brown e Curtis Mayfield tinham, e Fela entrou numa catarse espiritual que resultou na atordoante colisão sonora do *afrobeat*.

Outro aspecto muito importante no trabalho de Fela Kuti é a performance que sempre envolvia seus shows. Parte essencial dessas performances vinha de suas cantoras e dançarinas, fabulosas figuras luminosas e quase irreais, que pareciam ter vindo de outro mundo, ou de outros tempos e que exalavam sensualidade e ousadia. Suas roupas e indumentárias, assim como o posicionamento e presença de palco, são as pontes que fazem de Fela e sua banda não apenas um grupo musical voltado ao entretenimento, mas um coletivo de pessoas envolvidas em uma mesma causa, dispostos a compartilhar suas idéias e suas vivências, seja através da música, da dança, da performance, da estética, isto é, das artes como veículo propagador de um novo mundo, mais humano e solidário.









SUN RA

Sun Ra foi uma das personalidades mais excêntricas e divertidas da música moderna. Maestro, compositor e tecladista, Sun Ra, que afirmava ser um extraterrestre de Saturno, dirigiu a sua *Myth-Science Solar Arkestra* para inóspitas regiões da música, muito distante do jazz tradicional. Sun Ra recebeu o nome de Herman Blount quando nasceu em 22 de maio de 1914, em Birmingham, Alabama. Estudou música muito cedo, seguindo uma linha convencional, tocando na escola secundária e estudando música na Universidade de Alabama. Inicialmente estava inclinado para a música clássica, mas graças às influências de Ethel Waters, Bessie Smith e Fletcher Henderson, Sun Ra passou para o jazz

Sun Ra tocava desde os tempos de colégio, quando evolutivamente em época de figurar na Segunda Guerra Mundial, rejeitou participar da ação pró-guerra do governo e foi preso. Ameaçado de ser mandado à força para o *front*, afirmou que na primeira oportunidade mataria o primeiro oficial que visse e assim sucessivamente. Em consequência disso, ficou preso por algum tempo e, ao sair nos anos 50 -60, formou suas primeiras bandas. Era o momento das grandes mudanças no mundo, e consequentemente nas artes e na música.

Sun Ra buscava algo ímpar. Anos antes de toda era espacial, de marcianos verdes e da ufologia moderna, ele afirmaria ter sido levado a um planeta chamado Saturno (o Saturno mítico) por seres quase alados, semi-anjos, que teriam lhe ensinado as verdades do universo e incorporado a sua personalidade, e ele retornaria ao mundo para transmitir a verdade e a mensagem da “*mitocracia*”, do saturno mítico, da música que libertaria, uma mensagem que, segundo ele, só entenderíamos depois de muito tempo.

Sun Ra começa então a montar uma banda, uma nova banda que iria incorporar sua mensagem, e alguns membros desta banda, já nos anos 50-60, iriam participar de um núcleo seminal que duraria mais de 45 anos no caso de alguns músicos. Mais do que qualquer orquestra, Sun Ra conseguiu juntar músicos nas searas do jazz. Ao sair de Chicago e ir para Nova York, que na época estava tomada pelo *free jazz*, Sun Ra decide, com sua banda em formação, morar comunitariamente. Ao alugar uma casa, todos que quisessem entrar para a comunidade deveriam seguir algumas regras básicas criadas por ele, como por exemplo, se submeter aos ensinamentos da *Space Age*, largar drogas e

bebidas, viver em comunidade na casa, experimentar musicalmente a vida, entre outras normas.

O fato é que, nessa época é difícil separar onde o improviso começa e onde ele termina. Tudo parece um improviso coletivo sem fim, incluindo aí dois bateristas, três baixistas e dois percussionistas ao mesmo tempo. Vivendo comumente existia uma rotina, ditada por ele. O grupo era obrigado a ensaios todos os dias na hora que Ra decidisse e pelo tempo que fosse necessário. Na questão sonora tudo era permitido, desde o mais longínquo trinado até cacofonias do *free jazz*, assim como a utilização de instrumentos pouco convencionais e objetos diversos. Sun Ra foi um dos grandes inovadores da música moderna mundial e suas experimentações serviram como inspiração e base para muitas bandas de *Rock*, *Fusion*, *Punk* entre outras.

Em mais de 40 anos de banda, gravando em sua casa, criando um selo próprio (Saturn Records) e designando claramente a todos sua mensagem do planeta SOM, Ra inventou modernas e complexas fórmulas matemáticas para a criação e construção de suas músicas. Por diversas vezes usou equações para criar seus sons que continuam em parte sem explicação até os dias de hoje. Ra discutia física quântica, fractais, filosofia e astronomia com profundidade e tinha enorme interesse e conhecimento das histórias enigmáticas e misteriosas das antigas civilizações, como o Egito que lhe serviu inclusive de base filosófica para suas teorias. A cidade perdida de Atlântida, que lhe rendeu um disco de nome Atlantis, e o continente de Mu, localizado no Oceano Pacífico, e que seria, segundo diz a lenda, o histórico Jardim do Éden, onde há 200 mil anos o homem teria surgido e construído uma forma de civilização extremamente evoluída, foram histórias que serviram de base para inspirar seus álbuns.

Essas crenças, mitos e histórias faziam parte do mundo mágico e misterioso de Sun Ra e foram para ele a grande busca de sua vida. O auge deu-se nos anos 70, quando começou a incorporar sintetizadores analógicos¹ e a buscar novos timbres, desconhecidos até então, para fazer parte das infindáveis possibilidades sonoras de sua banda. Nessa época, a Arkestra (trocadilho de Aknathon com Orchestra) contou com 35 membros entre dançarinos, engolidores e cuspidores de fogo, malabaristas e mais algumas figuras que circulavam pelo palco com *black powers* na cabeça, coloridos em 3 faixas azul-vermelho-branco para canalizar as energias. Toda apresentação da Solar Arkestra de Sun Ra continha um forte apelo cênico e visual, o que deixa bem claro sua

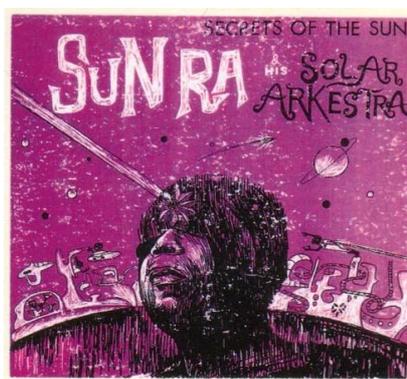
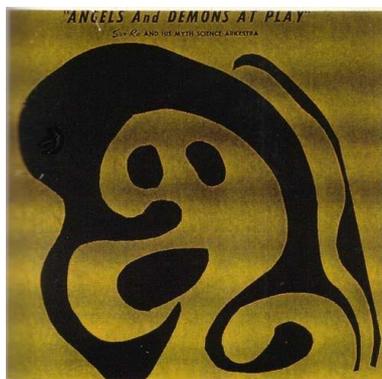
¹ O primeiro sintetizador foi construído por Robert Moog, o famoso Moog

importância para vários segmentos das artes. Há uma gravação em que Sun Ra e a Arkestra são responsáveis pela sonorização de uma peça de teatro dirigida por LeRoi Jones (Amiri Baraka), que é um grande líder da comunidade negra norte-americana, poeta, jornalista, ativista político e um dos responsáveis pela difusão do teatro negro na América, assim como o teatro de rua.

Essa interação entre música, artes visuais e teatro resultou numa gravação extremamente rara em 1968, e mais tarde se tornou disco. “A Black Mass” é uma performance muito densa, com uma forte conotação política e várias referências à nação islâmica. Esse foi um dos trabalhos mais políticos e engajados de Sun Ra e seu grupo. Outro aspecto muito importante no trabalho de Sun Ra era a preocupação gráfica e visual no que dizia respeito à criação e confecção das capas de seus discos, assim como os figurinos usados pela banda e a atmosfera que envolvia todas as suas apresentações.

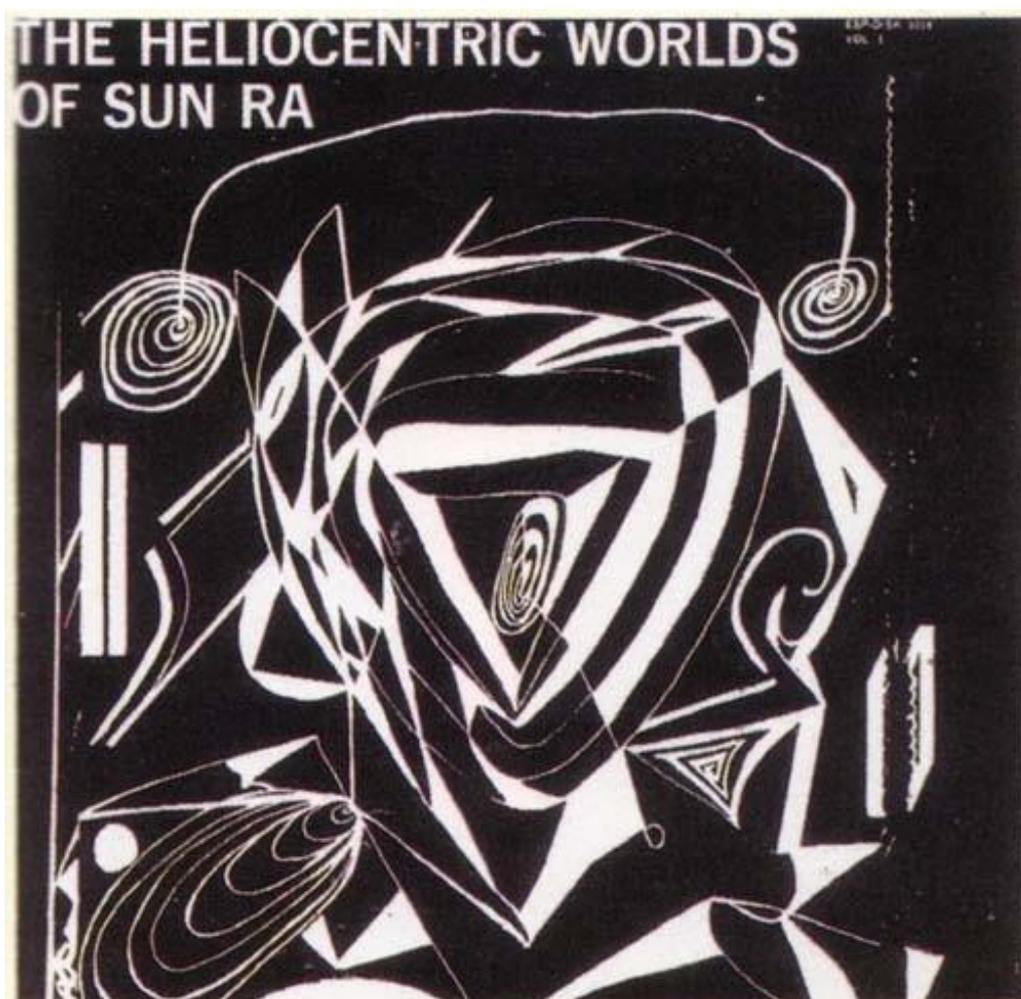
Todo esse aparato estético criado por Sun Ra sempre foi muito fiel as suas idéias filosóficas e foi o grande veículo de propagação de seu imaginário, já que toda sua música (ou experimentação sonora) está diretamente ligada a essas imagens que ilustram e dão a força necessária à sua obra. Esse diálogo intenso entre som e imagem é parte fundamental do trabalho de Sun Ra, pois propõe ao ouvinte uma nova e excitante experiência tanto visual como sonora, já que a atmosfera criada através do som nos remete automaticamente a imagens, e nos transporta aos mais inóspitos recantos do ser.

As capas de seus discos foram em sua maioria criadas e desenhadas por ele mesmo (assim como o selo interno dos LP's) e sempre ilustravam o tema que o disco seguiria, conduzindo o ouvinte diretamente a mundos desconhecidos, deixando-o livre para explorá-los. Isso faz de Sun Ra não apenas um músico, mas um artista ousado e muito criativo que acreditou fielmente em sua arte e fez de sua vida a grande obra.

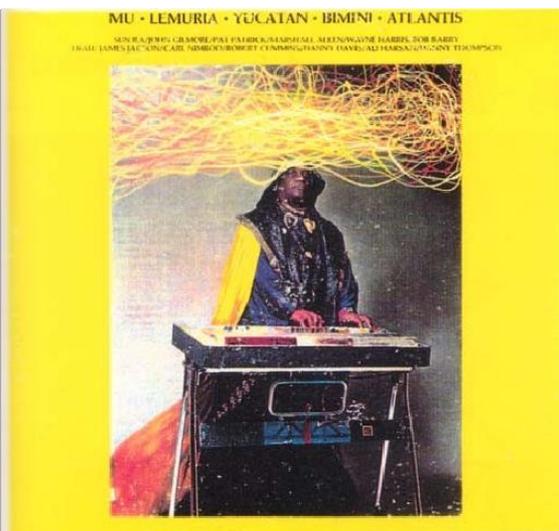
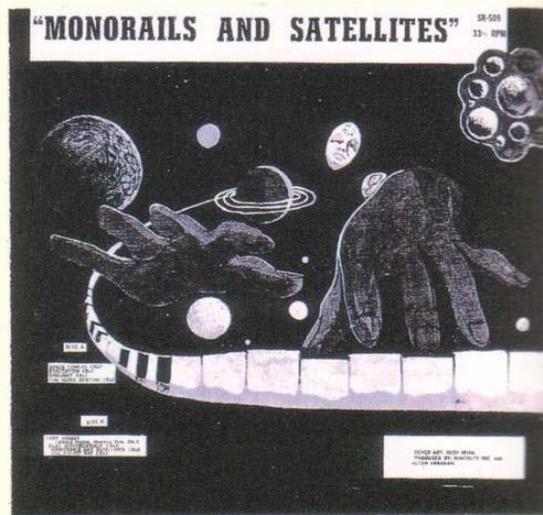
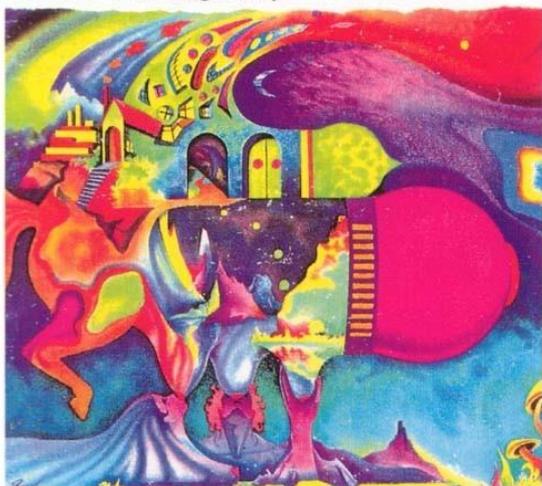


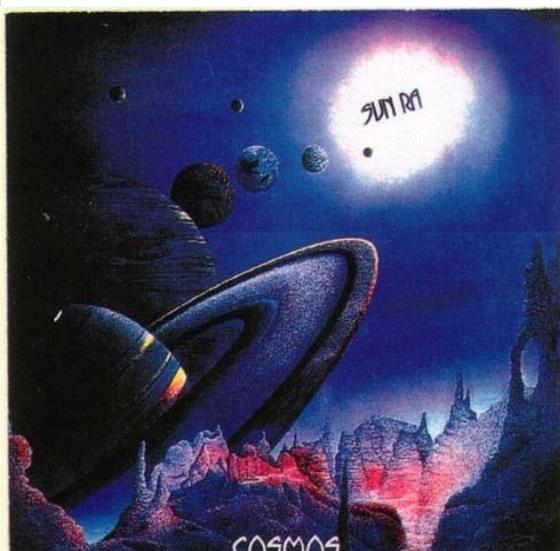
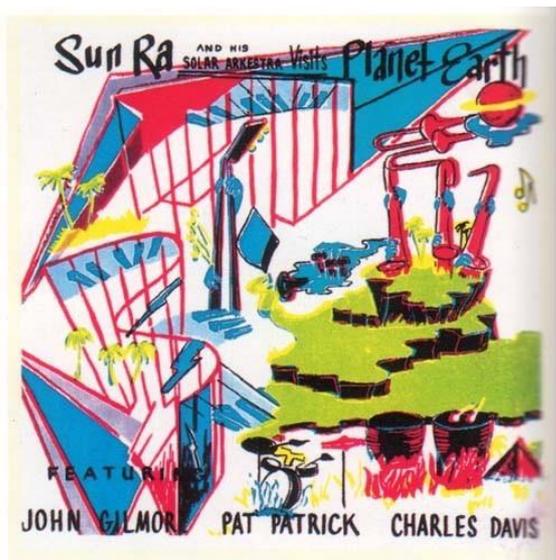


Sun Ra, Sun Studio, NYC, 1966 - Photography © Val Wimer



Sun Ra The Magic City







Rehearsal at Sun Studio, NYC, 1966. Ronnie Boykins (dutar), Marshall Allen (oboe), Sun Ra, Herby Griffin (dr). - Photography © Val Wilmer

Conclusão

A atuação artística e ativista de artistas como Fela Kuti, e a diversidade instrumental, estética e imaginativa de Sun Ra são exemplos de uma série de pesquisas e processos artísticos e políticos que foram transformando não só a música em sua estrutura formal, mas também nossa forma de perceber que há outras possibilidades de expressão através do som. Além disso, esses artistas aqui apresentados são também exemplos de cidadãos que de forma pacífica inovaram as lutas políticas para o reconhecimento e valorização de expressões culturais africanas.

Outro fator aqui apresentado por esses artistas e que merece nossa consideração é a preocupação plástica na organização de suas performances. Nelas, todo um aparato estético é trabalhado como linguagem de informação, onde imagem e som caminham juntos e dialogam com o corpo, que é usado como um verdadeiro instrumento musical.

No caso de Fela Kuti, o corpo é fator fundamental em suas apresentações, e é um forte veículo de afirmação da individualidade do ser. Podemos dizer que as performances de Fela com seu grupo foram uma nova maneira de ritual ou culto espiritual, e serviram como uma ponte entre o passado e o presente, estabelecendo assim um diálogo entre culturas ancestrais e o modo de vida contemporâneo, com suas novas exigências.

Já Sun Ra é um artista que se encontra na fronteira entre a música e as outras artes, pois para ele o som é material de referência dentro de um conceito expandido de composição, criando uma intersecção de outros meios artísticos juntamente com a música e gerando um processo de hibridização entre som, imagem, espaço e tempo.

Através da relação entre esses dois artistas que foram revolucionários e inovadores estéticos, cada um a sua maneira, percebe-se a importância que a cultura africana exerceu e continua exercendo em nossa sociedade, tanto na esfera cultural como artística, assim como a infinidade de possibilidades que nasce da fusão entre diferentes culturas. Isso nos prova que nosso desenvolvimento enquanto seres humanos depende exclusivamente da permissão que damos a nós mesmos de nos contaminarmos com o outro respeitando as diferenças, pois só assim estaremos contribuindo para a construção de um mundo mais lúdico, livre e criativo.

Referências Bibliográficas

Silva, Dilma de Melo / Calaça, Maria Cecília Felix – Arte africana e afro-brasileira – São Paulo: Terceira Margem, 2006

Internet

<http://www.rizoma.net>

<http://www.artafrica.info>

<http://www.andyw.com/sunra/quilt01.htm>

<http://www.elrarecords.com/>

<http://www.dpo.uab.edu/~moudry/>

<http://www.felaproject.net/>